

# AMADOR BUENO

## O ACCLAMADO

### Nascimento, Morte e Sepultura

I

Embora houvesse eu chamado romance a meu recente livro "Amador Bueno — o Acclamado", procurei enriquecê-lo de minúcias quanto possível exactas da biographia do maior vulto colonial paulista do século XVIII. Entretanto, alguns desses traços, ligeiramente esboçados, bem merecem melhor desenvolvimento.

O nascimento, morte e sepultura de Amador Bueno estão nesses casos.

No relativo aos tres factos, os chronicistas das coisas vetustas do S. Paulo se vêm mostrando de uma discreção que toca ás lindas da avaria informativa.

O proprio sr. Affonso Taunay, cuja obra se apresenta vasta e pormenorizada, honesta e intelligente, não desceu por desventura penetrar até a esse somenos da existencia do vicentino que recusou a corôa de rei. E ninguém poderia tentá-lo melhor, pois é o autor da "Historia das Bandeiras" o mais pratico piloto do passado colonial paulista. Ninguém como elle conhece os meandros labyrinthicos e, portanto, a verdadeira rota, para se aportar a qualquer ponto obscuro da nossa curiosa e intensa vida primeira.

Lastimemos a incuria, sem a mais leve intenção de censura ao grande historiador citado nominalmente, cuja opositividade aliás não merece reparo nenhum, porque, penne como é, constitue, em verdade, nos dias correntes, real enriquecimento aos que sentem que não se desperdiça o tempo dedicado a trabalhos dessa ordem.

Eu mesmo, que aqui estou com a minha penna agreste em punho, se não fora tão forte estimulo no exemplo de nossos melhores espiritos, já haveria abandonado por completo o procurar encher o meu lazer no estudo de assumptos como este, tão pouco interessantes á hora inquietá por que passa o mundo...

Mas, não seria licito ficar na exemplificação lembrada, limitando-me a nomeal-a ou a titular-a. Assim, vou abordar-a com todos os conhecimentos da minha minguada cultura, convencido de que me excederá do meu...

Quando nasceu Amador Bueno? E' o primeiro quesito que ouso formular e passar a responder.

Vem a talho lembrar, neste passo, quanto têm claudicado, sobretudo em datas, os velhos chronicistas. Se isso se patenteia frequentemente a quem gaste a paciência na leitura dos amarelentos e rendados papéis dos nossos archivos, não se deve proscrever uma data senão quando ella haja sido corrigida autenticamente.

Ora, não me consta até hoje que viesse algum documentalmente arguir de estar equivocado Azevedo Marques, quando informa haver Bartholomeu Bueno se casado com Maria Pires, filha de Salvador Pires e de Mecla-assu, trineta do cacique Piquero, em 1717, ou seja, no mesmo anno em que o nubentado com o seu pae Francisco Ramires de Porros se aventuraram na mal dançada da pomposa Sevilha, da qual os hespanhoes diziam: "Quem não viu Sevilha não viu maravilha", para a humilde e semi-barbara São Paulo.

O sr. Carvalho Franco narra que Bartholomeu aportou a S. Paulo em 1593, desertado da expedição de Diogo Valdez ao estreito de Magalhães. O sr. Americo Moura diz que Bartholomeu declarara ter vindo aos 1580, mais ou menos, repetindo talvez Silva Leme, que dando, aliás acertadamente, a entrada de Bartholomeu em 1571, regista o casamento do sevilhano só em 1590. Nenhum tem razão. Na "Nobiliarchia Paulista", que o sr. Affonso Taunay fez estampar na Revista do Inst. Historico do Brasil, como unico de 1926, lá está, á pagina 58, baseado em CARTA DA PROV. DA FAZENDA, LIVRO DE REG. N. 2, TITULO 1602 ATE 767, a chegada de Bartholomeu a S. Paulo, em 1571. Pedro Taques e Azevedo Marques continuam pois de pé. Nenhuma prova capaz de derrubar a affirmacão de ambos, tão fortemente documentada, appareceu até hoje em letra de forma.

Tomando legitimamente, pois, como ponto de partida essa ephemeride, já em 1572, fatalmente aquelle casal detaria ao mundo o seu primeiro filho.

Quem foi elle? Sem duvida, Amador Bueno. Tudo o revela.

A ascendencia hierarchica de Amador sobre a irmandade apresenta-se notoria. E essa predominancia dava-se antigamente e até agora, nas estirpes patriarchaes, pelo facto exclusivo da idade superior. O filho mais velho em todas as grandes e bem constituídas familias representa, tradicionalmente, a autoridade paterna na falta temporaria ou definitiva do chefe da casa.

Acresça-se que o velho Bartholomeu comparecia sempre nos grandes acontecimentos da villa acom-

panhado do filho Amador. Assim foi na sessão celebre de 1612, em que ambos assignaram perante o Conselho e Camara a acta de reclamações contra a interferencia dos padres jesuitas nas relações dos paulistas com os selvicos. Sobram ainda outros indices.

Anteriormente, aos 1611, por exemplo, pae e filho já pediam terras ao capitão-locotenente de São Vicente, allegando grande prole. Quem se der ao trabalho de ler "Sesmarias", vol. I, publicado pelo Archivo do Estado, encontrará, á pag. 145, Amador Bueno recebendo ainda do procurador de Lopo de Souza (este aliás já fallecera em 1610, e da morte não tivera conhecimento o procurador) uma legua de terra, além do Anhemby (Tietê), para nella instalar filhos e filhas:

... faço saber em como por Amador Bueno morador na villa de São Paulo e que era casado e tem filhos e filhas e que não tem terras em que possa agasalhar-se e está informado que junto a Marialveres dona viuva mulher que foi de Manuel Eanes junto a São Miguel aldeia dos indios estão terras devolutas pedindo-me lhe fizesse mercê de lhe dar uma legua de terras junto a dita Marialveres...

... a qual dita carta dada de terras eu Diogo de Onhate escrivão da fazenda de Sua Magestade nesta capitania de São Vicente fiz trasladar da propria que tornei á parte e vae na verdade e o concertei com João de Onhate meu filho que serve meus officios por minha ausencia por poder que para isso tenho do senhor governador geral dom Francisco de Souza e o dito concerto assignamos em Santos a quinze de março de mil e seiscentos e onze annos".

Com relação aos outros filhos do velho Bartholomeu Bueno, se alguns morreram antes de Amador, como Francisco Bueno, pae do "Anhangüera", e Jeronymo Bueno, o foi na guerra contra o gentio e seus aliados, respectivamente, em 1633 e 1644, o que denota além disso encontrarem-se ainda ambos em idade viril. Amador a esse tempo (Inventario de Francisco Bueno) allegrava velhice, para se eximir da tutela dos orphams ficados. De Bartholomeu Bueno, o moço, que apenas pelo nome herdado tinha a probabilidade de ser o filho mais velho, sabe-se que só contraheu nupcias, pela vez primeira, aos 1630. Mais ou menos, nessa época, Amador já possuía descendentes casados.

Com relação ás 3 irmãs de Amador, surgem razões semelhantes. Mécia ainda vivia, em 1668. Isabel casava-se pela 2.a vez, em 1637. E de Maria, o filho mais velho — Pedro da Rocha Pimentel, só tomara estado, em 1663, quando Amador se vivesse até lá, daria já a bençã a bisnetos, entre elles, talvez, Amador Bueno da Velha, o futuro chefe da expedição paulista contra os "emboabas". Deviam pois todas ellas ser bem mais novas do que o "Acclamado".

Resta como argumento valioso a disposicão em que os linhagistas classicos, Pedro Taques, M. E. Azevedo Marques e L. G. da Silva freme, enumeram a prole do sevilhano Bartholomeu, composta de 4 varões e 3 mulheres. Se não se mostram de accordo na ordem dos nomes, collocam harmonicamente Amador na cabeça dos 7 irmãos.

Ora, se Amador Bueno foi o primeiro filho, e seus paes se casaram em 1571, não se praticará levandade no concluir-se que elle viu ao mundo aos 1572.

Atribuir outra data a esse nascimento é amar demasiadamente a fantasia.

Posso passar, agora, em outro ensaio, ao segundo quesito:

Quando e logo, com que idade teria morrido Amador Bueno?

QUANDO E COM QUE EDADE MORREU AMADOR BUENO — O ACCLAMADO?

Uma advertencia se impõe de inicio. Nenhum vulto colonial parece tão falho de documentação biographica como o primogenito de Bartholomeu Bueno. Ao que se deverá essa lacuna? Obra de puro acaso ou soneração intencionada no interesse de tornar cada vez menos estudada a sua vida, votada, talvez por velhos odios, ao esquecimento?

Amador Bueno e sua familia tiveram contra elles a inimidade dos poderosos hespanhoes e dos jesuitas, quicã mais poderosos ainda. Aos primeiros negou elle a sua cabeça grisalha para uma corôa forrada de espinhos e fadada a puro jogo nas mãos castelhanas. Aos segundos, aos quaes innegavelmente o Brasil muito deve, elle expulsou pessoalmente da villa de S. Paulo. Os primeiros passaram no seu justo rancor. Mas os segundos são impessoaes e eternos, não têm preterito, vivem sempre nara as suas affeições e antipathias... E são elles os senhores dos nossos melhores archivos, a ponto de Capistrano de Abreu affirmar que só se pode escrever com exactidão a historia do Brasil, depois de ser traçada a historia da Companhia de Jesus.

A falta de melhor documentacão, está-se adstricto ao que os nossos escasos livros e cartorios de registro puderam guardar. E apresenta-se tudo tão diminuto, fragmentario e apagado! De maneira que os calculos têm que ser apreciados na relatividade da pobreza de nossos archivos.

Baseados nelles, pode-se inferir que Amador Bueno morreu abelando-se dos 80 annos, entre 1646 e 1650. A validade dessa conclusão terminará, claro, no dia em que, á luz de melhor documentacão, se demonstre these differente. Já se deu por verificado, no primeiro capitulo desta série, o nascimento de Amador, em 1572. Iniciou elle a vida publica nos fins da existencia de seu pae. Attingiu os maiores postos, logo depois de 1620, como verdadeiro successor do velho Bartholomeu Bueno. Quanto a estas affirmacões, não há duvidas na historia.

Finalmente, aos 1638, já tendo passado pelos cargos de juiz ordinario, ouvidor, administrador das tendas e governador, galgara tambem a idade da velhice. E' o pro-

prio Amador quem a allega perante o juiz de orphams, que outro não passava do seu genro D. Francisco Rendon de Quevedo. Azevedo Marques narra erradamente o facto como se tendo dado em 18 de Outubro de 1649.

Mas fale o proprio termo dos autos forenses (Vol. XIV de Invents. e Textos, fls. 14):

"Aos vinte dias do mes de Novembro de mil e seiscentos e trinta e oito annos pelo juiz dos orfãos dom Francisco Rendon de Quebebo foi mandado vir perante si a Amador Bueno tio dos orfãos filhos do defunto Francisco Bueno para lhe dar juramento para ser curador dos ditos orfãos e apparendo ante elle dito juiz dos orfãos em presença de mim escrivão o dito Amador Bueno por elle foi dito que elle será curador dos orfãos filhos do defunto Bartholomeu Bueno seu irmão E ERA HOMEM VELHO E CARREGADO e não podia ser curador dos ditos orfãos e que somente pela obrigacão que tinha aos orfãos somente seria curador emquanto se fazia o inventario e se fizessem partilhas e acabasse o inventario e que depois fizesse elle dito juiz dos orfãos outro curador o que visto pelo dito juiz assim o houve por bem e lhe deu o juramento dos Santos Evangelhos ao dito Amador Bueno para que fosse curador dos ditos orfãos emquanto se fazia este inventario e partilhas e até se acabar para como curador procurar pelos ditos orfãos e por sua fazenda elle receber juramento e prometteu fazer officio de curador na forma sobredita e assignou com o juiz e eu Ambrosio Pereira escrivão que escrevi — Quebebo — Amador Bueno".

Mas, que é um homem velho? A velhice, principalmente para aquelles rudes seres de dura fibra do passado paulista, em que septuagenarios como Manuel Preto e Fernão Dias Paes chefiavam expedições celebres, não começava senão depois dos 60 annos.

Seria pois, então, a idade de Amador, que nasceria em 1572, de 66 annos. Um dado confirma plenamente o outro.

Não nego que chegue a expressões como estas, quem folhear adiante esse mesmo inventario: "... porquanto elle (Amador) tinha outra tutoria e curadoria de seus sobrinhos filhos que foram do defunto Bartholomeu Bueno e não podia acudir a tanto além de que Sua Magestade o excusava da dita curadoria por... filhos todos menores e conforme a Ordenacão do livro quarto titulo... e quatro o excusava Sua Magestade o que visto pelo dito juiz mandou que se lhe tomasse seu requerimento e se lhe fizesse concluso o que escrevi — Quebebo — Amador Bueno" (fls. 25).

Adverte-se-á não ser commum que um homem de 66 annos possuise ainda filhos menores. Pode não ser commum, mas não é impossivel, sobretudo aos casoes de então haverem tidos filhos menores, muitas vezes mais moços que os proprios netos.

Surgem, entretanto, outras varias hypotheses que ajudam a derubar a objecção, entre ellas duas respeitaveis.

Existe documentacão de que o casamento de Amador com Bernarda Camacho, filha de Domingos Luis, de cuja mulher descendem os nove filhos registados pelos linhagistas, houvesse sido em primeiras nupcias? Pareceria acaso absurdo que Amador se tivesse casado antes disso com outra mulher que lhe não deixasse filhos? A historia nada refere. Mas o que a historia ignora deixaria de ocorrer?

A segunda hypothese seria Amador e Bernarda perderem os seus primeiros filhos na infancia, ou não os haverem procriado nos primeiros annos de casados. De um e outro caso sempre a humanidade abundou.

Mas, se Amador attingira os 66 annos em 1638, pela sua acclamacão contava quasi a bella somma de 70 Janeirois.

Só essa ancianidade, ao lado de outras causas menos importantes, justificaria a sua retirada da vida social e politica da capitania, após a sua recusa ao throno de rei de S. Paulo.

Raras vezes topa-se com a grande figura colonial depois de 1 de Abril de 1641. A ultima passagem em que se pode vel-o é em 1646, quando elle assiste ao testamento de sua filha Maria, casada com o fidalgo d. João Rendon, irmão do seu outro genro da mesma familia castelhana. Dahl em diante não conseguiu dar jamais com seu nome em nenhum papel antigo.

Em compensacão, no dia de anno bom de 1650, sahio dos pelouros abertos a eleicão de seu filho Amador Bueno — "o moço", para juiz ordinario. Vae aqui, na propria graphia da época e até com as suas abreviaturas caracteristicas, o termo exacto, que figura no L. V., pag. 403, das Actas da Camara:

"Ao primeiro dia do mes de jan. de mil seis centos e cincoenta nesta villa de são paulo da cappitania de são vicente na caza da camera della se ajuntarão os juizes ordinarios do anno passado gregorio joseph de Moraes e Antonio de siqueira de mendossa e vreadores domingos teixeira cide e Antonio de caldas tello e procurador do concelho belchior barreiros pera effeito de se abrir o nellouro dos officiaes que este prezente anno an de servir na republica pera o que mandarão vir dito sr. áte si a area dos pelouros e abrirão e tirou o juiz mais velho gregorio jozeph dos pelouros e os barahou em hã chapêo e mandou chamar hã menino o qual tirou hã dos ditos pelouros e abriu-o o dito juiz achou sairem por juiz AMADOR BUENO O MOSO migel rodrizes garcia e por vreadores estevejo sanches francisco de bairros bernarro sanches de aquiar e procurador do concelho miguel lopes fernandes de que mandarão fazer este termo q. asinaro manuel de amaral escrivão da camera o escrevi — gregorio José Ant. sior. — Ant. de Caldas tello — Ds. teixeira cide — Belchior barreiros".

Observe-se agora attentamente

FASANEI HOJE VENDERÁ OS 2458 1000 CONTOS — FEDERAL — NOS "CLASS" E TAMBEM SORTEIO DO 20.º CHEVROLET - GRA

que, a partir desse momento, Amador Bueno, "o moço", que nunca se assignou sem este distinctivo, passou apenas a firmar-se e a ser chamado Amador Bueno. E' que forçosamente já desaparecera da vida o "Acclamado".

Significa isto que o fallecimento de Amador Bueno, o "Acclamado", salvo prova em contrario, occorreu entre 1646 e 1650, quando elle se abeirava dos 80 annos.

Equivocadas pois, considero todas as ephemerides repetidas por alguns jornaes que assignalam a morte do velho Amador Bueno aos 13 de Março de 1683. Quem deixou de existir nessa data foi Amador Bueno — "o moço" ou "o segundo", sobre que não paira nenhuma duvida.

Resta saber-se, o que farei em seguida, onde foi sepultado o grande ancão.

ONDE FOI SEPULTADO AMADOR BUENO — O ACCLAMADO?

Antigamente, durante o longo periodo colonial, sepultavam-se as pessoas gradas; nos templos religiosos, quando se tornava possivel o transporte dos despojos. Peões, escravos e indios, ordinariamente, se enterravam no proprio campo, junto de onde a vida se partia. Em raros casos, em derredor das capellas e grejas.

Em S. Paulo era assim. A não ser o episodio dramático de Fernão Dias Paes, cujo corpo, previamente carbonizado por processo indigena, se trouxe do remoto sumidouro para a abadia de S. Bento, os paulistas, em geral, ficavam inhumados no sertão, á beira dos rios ou nas abas dos morros.

Só após trezentos annos de existencia, ou seja em 1858, já reinando o excelso D. Pedro II, S. Paulo teve prompta a sua primeira necropole — Consolacão. Na verdade, desde 1798, o governo de Lisboa recommendava aos bispos brasileiros que promovessem a construcção de cemiterios separados dos templos para evitar os males advindos. Com a republica, em 1890, separando-se a egreja do estado, entregaram-se os cemiterios ás municipalidades.

Mas, todos os templos de S. Paulo, mesmo capellas e ermidas, costumavam guardar os restos mortaes de seus devotos. Até o anno de 1640, as egrejas de Nossa Senhora do Carmo, do Collegio dos Jesuitas e a Matriz, eram as mais procuradas para a morada eterna dos antigos paulistas. A primitiva abadiazinha de S. Bento, a capella da Misericordia e as ermidas de Santo Antonio e Nossa Senhora da Luz raramente recebiam defunctos.

De 1642, em diante, a egreja de S. Francisco passou a fazer grande concorrência ás demais casas religiosas. Não se objecte que esse predio ainda não existia, como corre por ahi. Lucrecia Leme, mulher de Fernão Dias Paes, aos 1643, determinava em testamento, feito e assignado a seu rogo (ella não sabia escrever) por Francisco Velho de Moraes:

"Primeiramente quero e sou contente que levando-me Deus desta vida, meu corpo seja sepultado na egreja do bemaventurado S. Francisco e em seu habito o qual pedirão aos seus religiosos me façam a caridade de dal-o para isso". — Inv. — Este. — vol. XIV, pag. 313.

O que existe de real é que só aos 1789 se trouxe S. Francisco até ao alinhamento da Ordem 3.a. Esta ultima data mostra-se aliás visível sobre o alto batente de granito da porta principal de entrada.

Amador Bueno — o acclamado, falleceu entre 1646 e 1650, como deixei demonstrado no capitulo anterior. Figura de tamanha importancia, maior entre todos os seus contemporaneos, só poderia ser sepultado num dos cinco grandes templos da villa de S. Paulo: Matriz, Jesuitas, São Francisco, Carmo ou S. Bento. Este, não pela proporção do predio, que era pequeno e humilde, mas pelo prestigio da ordem. Nas capellas e ermidas costumavam ser recolhidas quase só os seus constructores. E Amador não o foi de nenhuma.

Percorramos os grandes templos da villa de S. Paulo em busca dos despojos da preclara figura colonial.

Na egreja dos Jesuitas, de forma nenhuma o Acclamado se inhumaria porque, desde 1640 até 1653, ella e collegio annexo estiveram fechados em consequencia do desterro de seus operosos sacerdotes. Estiveram não só fechados, mas, até abandonados e ruinosos. Nas actas do Conselho e Camara dos meados do seculo XVII reclamou-se contra esse desleixo que dava em resultado haverem se tornado ambos em esconderijos de vagabundos e malfiteiros que praticavam alli dentro scenas despodorosas... Além do mais, acabaram os membros da Companhia inimigos fidaes de Amador Bueno e sua familia, que tomaram magna parte na expulsão soffrida por aquelles reverendos paes.

Na egreja matriz, por motivos semelhantes, não se teria recolhido os despojos do homem que recusou uma corôa de rei. Pois, os vigarios da época, Padre Manuel Nunes, primeiro, depois Padre Homem Alberraz, se mostraram vivamente solidarios com os ignacia-

nos e chegaram a excomungar os paulistas da grei amadoriana.

De maneira que, excluidas as duas mencionadas, sobram as tres egrejas: Carmo, S. Bento e São Francisco.

No Carmo, a esse tempo, iam dormir o ultimo somno de preferencia as damas e donzellas paulistas. Recorra-se aos inventarios da época e se verá.

Acresce a favor dos dois outros prestigiosos templos: São Bento e São Francisco, que ambos, no grave e longo conflicto dos vicentinos com os discipulos de Santo Ignácio, es postaram ao lado dos rudes nativos, tendo por suas attitudões soffrido até severa incriminacão os reverendos padres expulsos.

Tudo está pois a demonstrar que Amador Bueno, em seu testamento, de que lastimavelmente nunca appareceu noticia, determinaria sem duvida que o seu corpo baixasse a sepultura numa destas duas egrejas: São Bento ou São Francisco.

E esta não foi outra que a de S. Francisco. Affluem razões para isto. A abadia de São Bento, desde tres ou quatro annos atrás, estava condemnada a desaparecer, para dar lugar de 1650 em diante, ao templo que os frades beneditinos conseguiram da doçao de Fernão Dias Paes construir. Nessa egreja, chegada até este seculo, sepultou-se como já referi e é sabido o cadáver do Caçador de Esmeraldas, conduzido, cheio de peripécias, desde os confins das Minas Geraes recém-nascidas até á villa de S. Paulo.

Será difficil ou quicã impossivel a quem percorra os velhos testamentos dos paulistas encontrar, de 1640 a 1650, um só individuo determinando o seu enterramento na abadia beneditina. Entretanto, isso acontece, frequentemente, aos depois de 1660, quando o novo templo, ultimou a sua construcção.

Mas não só por exclusão se chega a inferir que o corpo do "Acclamado" tenha sido recolhido em São Francisco. Concorrem motivos proprios. Ajunta-se, por exemplo, que D. Maria, esposa de D. João Matheus Rendon, no seu testamento lavrado em 1646, assistida de seu proprio pae Amador Bueno, indicando então a preferencia da familia pela vasta casa franciscana, fez escrever:

"Peço que meu corpo seja enterrado quando Deus fór servido levar-me na egreja de São Francisco e no seu habito... guardião me queira conceder a...tura". Testos. vol. XIV, pag. 431

Não se confunda a egreja de São Francisco com a sua irman gêmea Ordem 3.a de S. Francisco da Penitencia que é menos velha. Nesta, ainda hoje intacta, recolheram-se, até 1853, innumerables membros da confraria, entre os quaes o regente Padre Antonio Feijó (dalli transportado recentemente para a cripta da nova Cathedral) e o Brigadeiro Tobias, bem assim varias outras figuras dos fins da Colonia e do começo do Imperio. A capella dos jazigos que guarda as sepulturas dos velhos irmãos da Ordem 3.a, a qual se apresenta muito bem conservada, só foi construída quando, em 1787, se puxou o antigo templo até o alinhamento actual.

A egreja de São Francisco estendia a sua jurisdicão até o casarão de sobrado do convento em continuacão, onde funcionou, duzentos annos depois e por um seculo, a Faculdade de Direito, agora lastimavelmente substituída pelo apparatus palacio de cimento armado que vae surgindo no pateo lendario das caloiçadas barulhentas e escandalosas hoje, mais proprias ao amonto de uma cidade universitaria.

Jaziam justamente nesta ultima parte as sepulturas dos mais notáveis paulistas da segunda era colonial. Na parte propriamente da egreja e no que resta do convento, pde verificar pessoalmente a existencia de vestigio de uma unica sepultura.

Aliás, nas modificacões soffridas pelo predio da Faculdade e, finalmente, na sua demolicão total, descobriram-se varias das innumerables catacumbas que enchiam as suas largas paredes de pilão e o seu sólo lageado.

Tudo visto e examinado, autorisa a concluir-se que a cova do nobre vulto de Amador Bueno foi aberta alli dentro daquelles vultuosos vinte arcos romanos que tres seculos contemplavam.

Recebendo um dia destes o volume XXXIV da Revista da Faculdade de Direito, que me offereceu o seu illustre bibliothecario sr. Antonio Constantino; dando no ventre da publicacão com um trabalho do sr. Ricardo Severo sobre a historia daquelle lendario predio destruído pela picareta do notavel architecto, a quem coube tão ingrata tarefa; percorrendo todas as suas paginas eruditas, fui logo tomar com uma estampa reproduzida da photographia de um panno de muro do vetusto claustro franciscano contendo varias velhas sepulturas sobrepostas. Numa destas se mostravam uma caveira, o lado de um pequena amontoado dos grandes ossos dos membros e tronco humano.

Quem será capaz de affirmar não estarem alli naquella ossada alvacentas os sobejos da preclara figura de brasileiro que só agora a posteridade parece querer desenterrar de um ingrato esquecimento?

Pobre e vetusto mas povoado das nossas mais caras tradições, esse vasto casario franciscano, do qual não resta senão uma funda saudade, bem poderia ser hoje o verdadeiro Pantheon dos grandes homens de São Paulo.

Aureliano Leite

A Radio Diffusora São Paulo Destaca hoje: 12.30 - Caricaturas dos Amores... 13.45 - Palestra Odontologica... 18.30 - Programa do "LABORATORIO AMERICA"... 18.45 - Programa do "LABORATORIO LICOR DE CACAU"... 21.30 - "CHA NO AR"... 22.00 - Programa da "SAUDA-DES" a cargo do "Conjunto Serenata".

ESCOLHA O SEU HOTEL entre os que anunciam no INDICADOR UTIL que publicamos hoje. São os mais recommendaveis.